

OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº588
De 22 de Abril
até 06 de maio
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



EM DEFESA DA VIDA, DO EMPREGO, DA RENDA E DO SALÁRIO



BOLSONARO E MOURÃO

JÁ!

SOCIALISMO

150 anos de Lenin:
conhecer a obra e a vida
do líder revolucionário
pgs. 12 e 13

IMPERIALISMO

Trump é o coveiro americano.
Pandemia avança nos EUA e mata
mais população negra
pagina 14

NACIONAL

Filantropia ou hipocrisia?
Rede Globo e banqueiros
lançam campanha de
solidariedade | pgs. 4 e 5



PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



“ Eu sou, realmente, a Constituição.”

JAIR BOLSONARO, 20/4/2020, ao falar com apoiadores em frente ao Palácio do Planalto. Ele resolveu remediar o desgaste causado pelo apoio aos atos pró-ditadura do dia anterior e acabou encarnando um Luís XIV do coronavírus

22 DE ABRIL, 150 ANOS DE LENIN!!



Disponível para download gratuito. Acesse em www.editorasundermann.com.br

EDITORA **sundermann**

Mais pobres defendem isolamento em SP

Enquanto Bolsonaro defende a flexibilização do isolamento social, dizendo que os mais pobres precisam retomar seus trabalhos, uma pesquisa realizada pelo Instituto Travessia na grande São Paulo mostrou que são justamente os pobres os que mais defendem a permanência em casa. O medo de não conseguir atendimento nos hospitais públicos e

de ver familiares sendo vítimas da doença é o principal argumento. O estado de São Paulo é hoje o epicentro da COVID-19 no Brasil. A pesquisa identificou que nas classes mais altas a preocupação maior é com os impactos econômicos causados pela pandemia. Essas pessoas acreditam ter informações suficientes para enfrentar a

doença e confiam no acesso e no tratamento dos hospitais particulares. Das mil pessoas ouvidas pelo instituto, 62% de quem recebe até dois salários mínimos declararam ser a favor do isolamento total. Já 52% das pessoas que ganham mais de dez salários mínimos defendem um isolamento parcial com a retomada de algumas atividades econômicas.

RJ: Witzel se aproveita da pandemia para privatizar

Enquanto o sistema público de Saúde do Rio de Janeiro, que em tempos normais já é um caos, vai se aproximando do colapso total por conta da COVID-19, o governador Wilson Witzel (PSC) envia à Assembleia Legislativa do estado um projeto de lei para privatizar universidades, estatais e fundações. A justificativa é a crise fiscal do estado agravada pela pandemia. Enquanto em todo o mundo as políticas neoliberais, as privatizações inclusive, são profundamente questionadas por conta da pandemia, Witzel, assim como Bolsonaro, quer pegar carona na crise para aprofundar essa mesma polí-



tica. Witzel, que está contaminado com o coronavírus, quer assim vender até a Universidade Estadual do Rio de Janeiro

(Uerj), que mantém um hospital de referência para o tratamento da doença. O projeto de lei tem regime de urgência.

Racismo em meio à tragédia

Enquanto a população se vê ameaçada pelo coronavírus, o povo negro ainda tem que enfrentar, além da pandemia, o racismo. No último dia 18, um idoso negro acompanhava a esposa no hospital Dom João Becker, em Gravataí, região metropolitana de Porto Ale-

gre (RS). O homem de 62 anos foi acusado pelo furto de um celular dentro da unidade, sendo espancado por seguranças em seguida.

“Me revistaram e levaram para um corredor escuro. Apanhei, tomei soco nas costas, um chute do guarda, pisão no pé. Me dis-

seram um monte de palavras de baixo calão”, denunciou o idoso. Como se já não fosse indignante o bastante, o caso provocou uma parada cardíaca na esposa do homem, que faleceu no local. O celular supostamente furtado foi depois encontrado na sala dos funcionários do hospital.

SOCIALISTA Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Fabrício Last e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Por uma campanha de massas pelo “Fora, Bolsonaro e Mourão” JÁ!

Assim como havia feito no dia 15 de março, Bolsonaro e seus filhos impulsionaram uma nova rodada de atos no dia 19 de abril, Dia do Exército, pelo fechamento do Congresso Nacional e por uma ditadura. Em Brasília, Bolsonaro fez questão de ir pessoalmente ao protesto em frente ao quartel general do Exército. Tossindo, fez um discurso abertamente golpista.

Apesar de terem reunido poucas pessoas, essas manifestações são intoleráveis e devem ser repudiadas por todos que defendem as liberdades democráticas e se opõem à política genocida do governo.

GENOCIDA E COVEIRO DA CLASSE TRABALHADORA

Bolsonaro é hoje o principal responsável pelo agravamento da pandemia no país. É responsável ainda por milhões de desempregados e age de todas as formas para atrapalhar e atrasar a chegada da ajuda irrisória de R\$ 600 aos mais pobres.

Ao mesmo tempo em que denuncia de forma hipócrita a “velha política”, tenta comprar o apoio do “centrão” de Rodrigo Maia. É com esse espírito que acaba de entregar o Banco do Nordeste ao PL de Waldemar Costa Neto, condenado por corrupção no mensalão. Quer garantir assim uma base de sustentação para proteger seu mandato e, ao mesmo tempo, destravar pautas como a da carteira verde e amarela, que visa, em plena pandemia, aprofundar a reforma trabalhista e facilitar as demissões e o desemprego.

O Congresso, diga-se de passagem, tem dado 1 trilhão a banqueiros e grandes empresários, enquanto joga a crise nas costas dos trabalhadores.

FORA BOLSONARO E MOURÃO: UMA NECESSIDADE URGENTE

A luta contra o coronavírus e a crise social tem como pressuposto o “Fora, Bolsonaro e



Mourão”. Não podemos esperar as pilhas de cadáveres nas ruas e hospitais como na Itália e no Equador. Tampouco podemos ficar inertes, tolerando o intolerável, produzindo meras declarações de repúdio como faz a oposição burguesa democrático-liberal e os partidos de conciliação de classes. Quando assumem a palavra de ordem, é como mera hashtag para não se descolarem completamente dos milhões que gritam “Fora, Bolsonaro”.

Não é verdade que a luta pela derrubada de Bolsonaro e Mourão atrapalha o combate à pandemia ou fortalece o bolsonarismo. Pelo contrário. Não enfrentar Bolsonaro para valer é deixá-lo livre para avançar sua política genocida de caos sanitário e social, bem como de ameaça às liberdades democráticas e defesa de autogolpe. Ele busca disputar um setor da sociedade para o seu projeto de ditadura. Botá-lo para fora é necessário para lutar contra

um genocídio e também para impedir um autogolpe mais adiante.

É preciso garantir o suporte necessário à saúde pública, que os trabalhadores e o povo da periferia possam exercer o direito à vida, garantindo emprego, renda e todas as condições para que possam ficar em casa. Condições contra as quais Bolsonaro faz campanha dia sim e outro também. Condições que os governadores e o Congresso também não garantem na medida necessária e já começam a flexibilizar a quarentena, justamente quando o vírus chega em cheio nos setores pobres e vulneráveis.

MOBILIZAÇÃO DE MASSAS UNIFICADA

É preciso que os partidos de oposição e as organizações da classe trabalhadora coloquem em marcha uma ampla campanha de massas pelo “Fora, Bolsonaro e Mourão” para valer, não só nas redes sociais. O PT,

que há uma semana votou na sua Executiva contra o “Fora, Bolsonaro”, segundo noticiou o jornal O Estado de S. Paulo, estaria mudando de posição. Esperamos que mude para valer. É hora de uma campanha de verdade, mesmo com as limitações que a pandemia impõe.

É preciso um dia unificado de protesto. Se não é possível realizar manifestações de rua, façamos nas janelas de todo o país. É preciso mobilizar os trabalhadores dos setores não essenciais que estão sendo obrigados por patrões e governos a trabalhar. Vamos colocar carros de som nos bairros e nas ocupações, que já estão organizando-se para garantir solidariedade de classe. Um movimento à altura em defesa da vida, do emprego, da renda, do salário e das liberdades democráticas, pelo “Fora já, Bolsonaro e Mourão!”

O 1º de Maio seria um bom dia para dar um pontapé numa campanha unificada e de mas-

sas pela derrubada desse governo. Essa é uma campanha de unidade de ação e de frente única para lutar. Para ser de massas, precisa ter esse caráter para que participem dela todos que tiverem acordo.

ALTERNATIVA SOCIALISTA

Na campanha pelo “Fora, Bolsonaro e Mourão”, que deve unir todo mundo que tope lutar, participarão diferentes organizações com diferentes projetos políticos para o país. Nós seguiremos defendendo que a solução para os nossos problemas exige a construção de uma alternativa socialista.

Em defesa da vida, do emprego, da renda e da saúde, além de colocar para fora esse governo, precisamos fazer avançar a organização e a mobilização da classe trabalhadora para acabar com o sistema capitalista. Precisamos de uma revolução socialista que coloque os operários e o povo pobre no poder.

HIPOCRISIA NA TV

Banqueiros fazem filantropia com dinheiro roubado do povo

NAZARENO GODEIRO,
PESQUISADOR DO ILAESE

A Rede Globo está divulgando uma campanha intitulada Solidariedade S/A, mostrando as ações solidárias dos grandes empresários e banqueiros para combater a pandemia do coronavírus. Essas doações alcançaram a cifra de R\$ 2,3 bilhões, sendo que mais da metade veio dos grandes bancos privados, principalmente do Itaú Unibanco. Ações solidárias que são baseadas em mentiras e hipocrisia.

Estes mesmos banqueiros e empresários filantropos fizeram campanha para aprovar a Emenda Constitucional (EC) 95, conhecida como Emenda do Teto dos Gastos, que retirou R\$ 28 bilhões do orçamento da Saúde em 2019. O Governo Federal deveria ter investido R\$ 142,8 bilhões e investiu apenas R\$ 114,1 bilhões segundo o Portal da Transparência.

PRINCIPAL DOADOR: ITAÚ UNIBANCO

Não é só por isso que essa campanha é hipócrita: anali-

semos o principal doador (que hoje é responsável por mais da metade de todas as doações da campanha, no valor de R\$ 1,25 bilhão). Nas palavras do presidente do Itaú Unibanco, Candido Bracher: “O porquê da nossa iniciativa se prende à compreensão nossa de que o Brasil atravessa uma crise muito grave, nós temos um problema humanitário em mãos. O Itaú Unibanco nasceu e cresceu e continuará crescendo no Brasil. O Brasil é a nossa casa. Eu acho que é



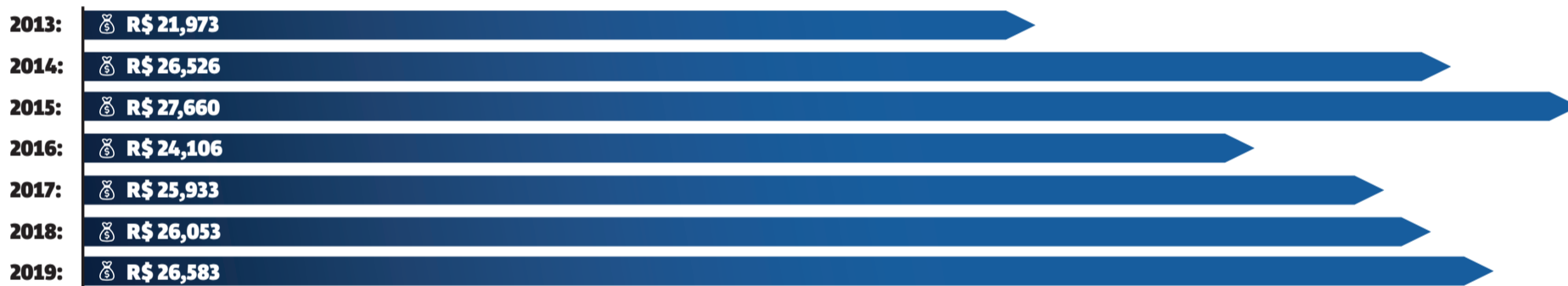
o momento de cuidarmos da nossa casa.”

Na vida real é diferente: enquanto o lucro dos bancos cresce, a economia brasileira afunda.

Estamos retrocedendo sob o domínio do capitalismo e do imperialismo. Há uma queda

de 8,1% na economia no decorrer dos últimos sete anos. Pode ser pior, caso o índice de queda da economia caia mais de 5% em 2020, o que é provável. Porém o lucro líquido do Itaú vai em direção contrária no mesmo período, como demonstra o gráfico abaixo.

LUCRO DO ITAÚ UNIBANCO NOS ÚLTIMOS 7 ANOS (EM BILHÕES)



FONTE: UOL

Enquanto a economia brasileira despenca, o lucro líquido do Itaú Unibanco subiu 35% em sete anos. Esse banco cresce parasitando a economia brasileira como um verme que rouba a vitalidade do país, estagnado desde 2014 e agora entrando em depressão.

Entre 2013 e 2019, os bancos brasileiros fecharam 70 mil postos de trabalho. Enquanto você perdia o emprego, esses parasitas ganhavam bilhões cobrando juros de cartão de crédito próximos de 500% ao ano.

O valor “doador” pelo Itaú Unibanco para enfrentar a pandemia representa apenas 0,7% da soma do seu lucro líquido nos últimos sete anos, que foi de R\$ 178,6 bilhões.

Aqui é onde se mostra a grande safadeza que rege o

Brasil. Esses lucros bilionários do Itaú Unibanco (assim como de todas as grandes empresas) não são taxados, e não são cobrados impostos sobre lucro. Essa regalia aos grandes empresários foi aplicada por FHC e mantida por Lula e Dilma. Se

aplicássemos ao Itaú a mesma regra que vale para os trabalhadores brasileiros, pela qual se deduz 27% do salário de quem ganha mais de R\$ 4.463,81, o banco teria de ter pago R\$ 48,2 bilhões à Receita Federal nos últimos sete anos.!

VERGONHA

Itaú Unibanco faz filantropia com o seu dinheiro

O Banco Central liberou um pacote de medidas, no dia 23 de março, para injetar dinheiro no mercado através dos grandes bancos. O valor soma R\$ 1,216 trilhão, equivalente a 16,7% do Produto Interno Bruto (PIB). O Itaú Unibanco, junto com Bradesco e companhia, emprestará este dinheiro a juros de 3,5% ao ano, podendo auferir lucros no valor de aproximadamente R\$ 42

bilhões. O Bradesco está emprestando R\$ 20 bilhões por dia, dez vezes mais que antes da crise do coronavírus. Imaginem quanto vão ganhar em cima da desgraça alheia.

Além disso, todo ano, o governo paga cerca de R\$ 1 trilhão de juros, amortização e rolagem da dívida pública. É o dinheiro do povo indo para os cofres de meia dúzia de grandes banqueiros nacionais

e internacionais. A dívida pública (interna e externa) do país era R\$ 300 bilhões em 1994, pagamos R\$ 4,7 trilhões em duas décadas e a dívida saltou para R\$ 6 trilhões em 2019. Essa dívida já foi paga cerca de 16 vezes o seu valor inicial e não para de crescer!

Enquanto Bolsonaro investiu R\$ 114 bilhões na saúde em 2019, repassou dez vezes mais aos grandes bancos.

É TUDO CAMBALACHO

VEJA MAIS SOBRE A HIPOCRISIA DA SUPOSTA DOAÇÃO DO ITAÚ UNIBANCO

- A “doação” foi realizada para a Fundação Itaú Unibanco, gerida por ex-gestores do próprio banco.
- O dinheiro será manejado por grandes empresários da rede privada da saúde, que faturou R\$ 147 bilhões em 2018, mais que toda a indústria metalúrgica e siderúrgica do Brasil segundo a revista Exame.
- Só os rendimentos desse R\$ 1 bilhão serão usados, pois essa doação será manejada por um fundo filantrópico.
- No final, boa parte dessa grana vai para campanhas publicitárias.

LUCRO ACIMA DA VIDA

A exploração dos bancários

Esse dinheiro também saiu da superexploração dos funcionários do Itaú Unibanco. Em 2019, o banco tinha 100 mil funcionários. Cada funcionário rendeu ao Itaú a quantia de R\$ 918.293,72 e custou ao banco R\$ 249.139,48. Assim, o Itaú lucrou R\$ 669.154,24 com cada funcionário segundo

dados do *Anuário Estatístico do ILAESE 2019*.

Mesmo com todo esse lucro, o Itaú Unibanco demitiu 5.454 funcionários em 2019 e fechou 436 agências no mesmo ano.

O Itaú foi obrigado pela Justiça a fechar as agências no Maranhão, uma vez que não estava oferecendo nem

álcool gel aos clientes e funcionários. “É inadmissível que o maior banco privado do Brasil, por pura ganância, se recuse a fornecer materiais básicos para a proteção dos seus funcionários e clientes, ignorando, inclusive, decisões judiciais”, diz Gerlane Pimenta, do Sindicato dos Bancários do Maranhão.

**NÃO QUEREMOS ESMOLAS**

A burguesia está com medo de uma revolução do povo

**VOCÊ É EXPLORADO**

Quem produz a riqueza é o trabalhador

Observe o gráfico. Ele representa toda a riqueza produzida pela classe trabalhadora brasileira em 2018. A maior parte da pizza foi distribuída para banqueiros (22,59% da riqueza), empresários (21,67%) e governo (34,37%). Os trabalhadores,

que produziram tudo, ficaram com apenas 21,35%.

Os banqueiros são meia dúzia de magnatas, mas ficam com um quarto da pizza mesmo sem ter feito nada, só parasitando a economia.

Os grandes bancos internacionais dominam 57% do

sistema financeiro brasileiro. Mais da metade das ações do Itaú estão nas mãos de acionistas estrangeiros. O Bradesco tem 23% de acionistas estrangeiros e o Banco do Brasil vendeu 30% das suas ações em bolsas de valores (autorizado por Lula).

Por isso, o Black Rock, maior fundo de investimentos do mundo (ligado aos bancos Barclays e Merrill Lynch), é grande acionista da Petrobras, Vale, Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Light, CEMIG, AES, PDG, Cyrela, MRV, Duratex, Telefonica, Vivo, Contax, Telemar, BR Foods, Embraer, Souza Cruz etc.

Causa mais indignação o fato de os banqueiros estarem à frente de uma campanha de solidariedade dando uma de “bonzinhos” enquanto cobram os juros mais altos do planeta.

Essa campanha não quer só mostrar como os burgueses são supostamente solidários com os pobres. Também quer fazer um colchão social para evitar que uma revolução possa explodir nas periferias.

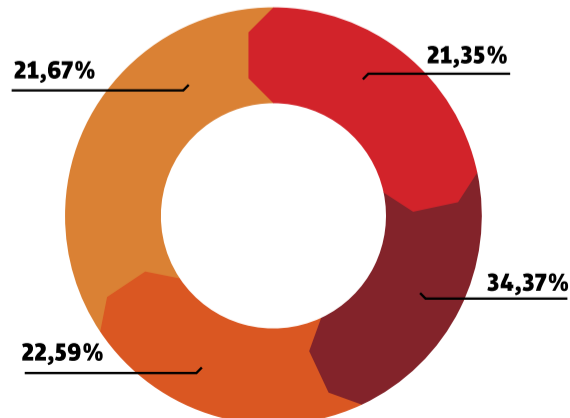
A burguesia teme também que seja instituído um imposto sobre as grandes fortunas. Os 20 maiores bilionários brasileiros detêm uma fortuna avaliada em R\$ 600 bilhões. Portanto, esses R\$ 2,3 bilhões “doados” representam apenas 0,3% da sua riqueza acumulada. Mas essa taxa não é suficiente, como dizem o PT e o PSOL, enganando o povo. Aliás, o PT ficou anos no poder e não taxou em nem um centavo as grandes fortunas. Para acabar com a farsa dos banqueiros é preciso defender a estatização dos bancos e do sistema financeiro.

Para não dizer que falamos apenas do Itaú Unibanco, na lista de “doadores” está a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), produtora de nióbio, campeã em explora-

ção dos seus trabalhadores. A Vale também é uma “doadora”, empresa criminosa responsável pela morte de mais de 300 trabalhadores em Brumadinho. Na pandemia, a Vale mantém seus 55 mil funcionários trabalhando nas minas, apesar de já haver infectados e um operário morto por coronavírus em Carajás (PA). A mineração não é um serviço essencial que justifique que siga funcionando.

Por tudo isso, é indignante ver essas empresas e bancos que têm lucros bilionários a cada ano, arrancados da superexploração do trabalhador e da destruição da natureza, passarem-se por empresas preocupadas com o Brasil e o seu povo.

Se inimigos de classe estão com medo das explosões sociais, ou seja, da revolução violenta, nossa tarefa central é discutir com os trabalhadores a necessidade dessa revolução e não deixar enganar-se por uns trocados que os magnatas jogam aos pobres de cima da sua quarentena bilionária.

DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO EM 2018

ESTADO BANCOS LUCRO LÍQUIDO TRABALHADORES

COVID-19

Duas saídas opostas para enfrentar a catástrofe

BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO

A pandemia do coronavírus é uma catástrofe mundial de proporções imprevisíveis. Não é só pela terrível perda de vidas ou pelo colapso dos sistemas de saúde ao redor do mundo, mas também pela depressão econômica mundial que se seguirá em razão da paralisação de boa parte da economia.

A frase “o mundo não será o mesmo depois dessa pandemia” já é um lugar-comum. Mas a realidade vai muito além: essa catástrofe é um momento de crise e ruptura, comparável às guerras mundiais do século 20. O mundo que conhecemos está caindo aos pedaços.

O que isso traz de novo para a classe trabalhadora mundial? Quais as lições que os trabalhadores devem tirar desse processo?

CAPITALISMO É RESPONSÁVEL PELA PANDEMIA, MAS É INCAPAZ DE ACABAR COM ELA

Primeiro é preciso entender por que se deu esse desastre. Essa não é uma catástrofe natural como um terremoto ou a erupção de um vulcão. O vírus foi transmitido aos seres humanos porque o sistema capitalista invade e destrói todos os ambientes

naturais de forma predatória. A produção de alimentos transgênicos e a criação de gado, porcos e aves em escala industrial agridem o meio ambiente. A mineração sem controle, a extração de petróleo por métodos agressivos, como o *fracking*, a poluição dos oceanos e dos rios e o aquecimento global, tudo isso cria as condições para o surgimento de inúmeras enfermidades.

A única coisa que interessa às empresas privadas é o lucro individual de seus proprietários ou acionistas, não importa a que custos sociais ou ambientais. O interesse social coletivo da humanidade, incluindo o planeta em que vivemos, não tem a menor importância para a classe dos proprietários privados dos meios de produção, ou seja, a burguesia mundial.

UM ÚNICO ORGANISMO ECONÔMICO

O vírus se disseminou com uma velocidade espantosa porque a produção e a distribuição de mercadorias é cada vez mais socializada e mundial. As cadeias de produção, os meios de transporte e a circulação de pessoas interligam o mundo inteiro em horas. A economia é socializada em nível mundial.

Esse extraordinário desenvolvimento das forças produ-

tivas, que deveria ser um bem, traz uma contradição: o mundo continua dividido em estados nacionais que são uma trava para as forças produtivas. As decisões políticas são dos governos de cada país que, por exemplo, nunca se coordenaram para combater a epidemia. O governo da China tentou esconder a epidemia e depois encobrir seu verdadeiro alcance. Trump, Boris Johnson (Reino Unido), o governo italiano, o espanhol e líderes do mundo inteiro não queriam parar a economia, pouco importando-se com as vidas perdidas. Depois tiveram que se render às circunstâncias, mas à custa da generalização da pandemia e de centenas de milhares de mortos.

Essa contradição adquire um caráter criminoso com a concorrência entre os países mais avançados e a exploração dos países pobres pelos países ricos. As guerras comerciais que já existiam antes (EUA e China, por exemplo) ganharam um novo caráter, muito mais sinistro, como a disputa entre diferentes países por máscaras, respiradores e outros equipamentos essenciais para enfrentar a pandemia. As empresas fabricantes desses equipamentos promovem um “leilão da morte”, duplicando ou triplicando o



preço desses produtos para ver quem dá mais.

AUMENTO DA POBREZA E DESIGUALDADE

Além disso, a incessante ação da burguesia para tentar manter sua taxa de lucro num mundo em que o declínio econômico do capitalismo empurra para baixo essas margens tem levado ao aumento crescente das políticas de eliminação de direitos trabalhistas, precarização do trabalho e cortes dos gastos públicos em saúde e benefícios sociais.

Essas políticas sistemáticas aumentaram a pobreza, a desigualdade social e a vulnerabilidade dos trabalhadores e das camadas mais pobres. Da mesma forma, debilitaram os sistemas públicos de saúde. Assim, quando se deu a pandemia, apesar dos vários alertas

de cientistas e de pandemias anteriores, a burguesia foi e é incapaz de proteger a vida dos trabalhadores e do povo pobre do mundo.

BURGUESIA É INCAPAZ DE DEFENDER A HUMANIDADE

Há recursos e conhecimento científico no mundo mais que suficientes para acabar com a pandemia e a crise econômica. O desenvolvimento das forças produtivas na atualidade (mesmo dentro do capitalismo) poderia garantir a vida, a saúde, o emprego e a renda da população com tranquilidade. O Estado poderia arrecadar e gerir os fundos públicos que deveriam garantir os serviços públicos essenciais. Mas a burguesia se mostrou incapaz de evitar a pandemia e de defender a vida e a saúde da humanidade.

DOIS INIMIGOS

O inimigo da humanidade não é só o vírus, é a burguesia mundial

Em todo o mundo os governantes, os meios de comunicação e os empresários repetem o mantra: “o inimigo é um só: o vírus”. No entanto, a prática tem mostrado que para os trabalhadores e o povo pobre há um inimigo muito mais terrível: a burguesia mundial.

ATAQUES

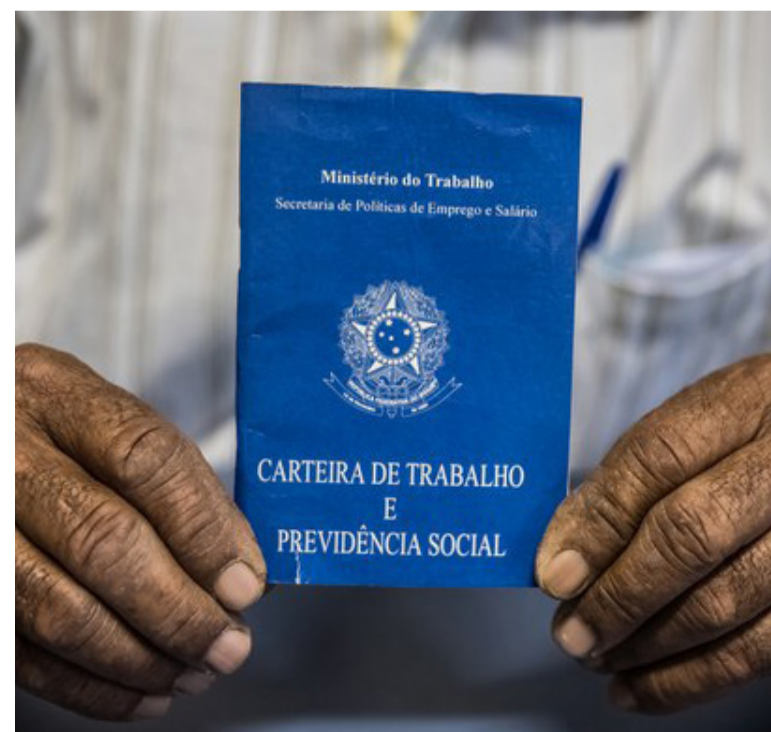
Em todo o mundo, a burguesia tem se voltado ferozmente contra a classe trabalhadora para defender a sua parte da renda nacional e fazer com que

os trabalhadores paguem pela crise com suas vidas. A primeira medida dessa guerra social foi a demissão de milhões de trabalhadores. Só nos Estados Unidos foram 22 milhões em um mês.

O desemprego em massa será uma das consequências mais terríveis para a classe trabalhadora mundial. Não só isso. Em todos os países, em maior ou menor medida, a burguesia aproveitou a crise para retirar direitos já pensando na situação de depressão após a pandemia.

PARASITAS

A burguesia mundial é cada vez mais uma classe totalmente parasitária, que não cumpre nenhuma função social útil. Seu único objetivo é sobreviver, manter sua riqueza, seus privilégios e seu domínio de classe. Os supostos gestos de “solidariedade” e contribuições de empresários não passam de esmolas de “caridade” para tentar encobrir seus crimes e mostram bem a mesquinhez dessa classe de parasitas.



UM NOVO PLANO MARSHALL?

Salvar o capitalismo significa prolongar o sofrimento da humanidade

A pandemia nem sequer foi controlada e ainda ameaça continentes inteiros, como a África, as Américas do Sul e Central e o subcontinente indiano. No entanto, diversos dirigentes dos países imperialistas já têm pressa em relaxar as medidas de isolamento social e retomar aos poucos o funcionamento normal da economia.

Outros falam da necessidade de organizar planos de estímulo estatal para a economia mundial semelhantes ao New Deal dos Estados Unidos, posto em prática depois da crise de 1929 e durante a Grande Depressão; ou o Plano Marshall, implementado nos países da Europa destruídos pela Segunda Guerra Mundial;

ou mesmo os planos de auxílio aos bancos e às empresas durante a crise de 2008.

ILUDIR O POVO

Os governantes burgueses se aproveitam da angústia da população para iludir o povo. A maioria das pessoas, obviamente, quer voltar o mais rápido ao “normal”. Ou seja, ter de volta seus empregos, sua fonte de renda mesmo que precária; não sofrer mais a insegurança de ficar doente ou ver seus pais ou parentes idosos morrerem; voltar a ter segurança de poder alimentar sua família no dia seguinte; voltar a ter o convívio social e familiar; não se angustiar com a quarentena. Todos querem isso.

O problema é que voltar

ao “normal” pode levar anos. Não há uma vacina contra o vírus e é provável pelo próximo um ano e meio. Enquanto isso, o vírus dará voltas pelo mundo. Quem irá à praia, a um “show”, a um estádio de futebol ou fará turismo com tranquilidade? A economia pode demorar anos para voltar a crescer e retomar o nível em que estava. A continuidade da catástrofe está anunciada. Milhões vão morrer de fome e de doenças causadas pela desnutrição e pelas péssimas condições de vida.

NOVAS CATÁSTROFES

Os planos de estímulo estatal da economia do tipo do New Deal e do Plano Marshall são os preferidos de alguns setores



burgueses e dos partidos reformistas e oportunistas do mundo inteiro, mas não solucionam nada, porque têm como objetivo manter e desenvolver o capitalismo novamente.

O sistema que levou a esse desastre continuará funcionando e, portanto, possíveis recuperações serão sucedidas por novas e mais profundas

crises. Isso é a lógica de um sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, do lucro, das forças incontroláveis do mercado, dos estados nacionais e do imperialismo de um punhado de países ricos sobre a maioria do mundo. Esses planos preparam novas calamidades, guerras e crises econômicas.

SAÍDA



Só a revolução socialista impedirá a barbárie

O capitalismo levou mais uma vez a humanidade à barbárie. Tão próximo quanto só uma guerra mundial poderia levar. Mas essa catástrofe coloca uma nova oportunidade para que a humanidade varra de vez esse sistema em decomposição, da mesma forma que a Primeira Guerra Mundial abriu caminho para a Revolução Russa de 1917.

Que essa primeira experiência tenha se degenerado não é motivo para que a humanidade não faça um novo e renovado esforço. Uma nova revolução socialista para destruir o capitalismo é uma questão de sobrevivência antes que esse sistema e a burguesia mundial destruam o gênero humano por guerra, doenças ou fome.

Reformistas de todo o tipo, dos sociais-democratas aos stalinistas, dizem que a revolução socialista não é possível porque a burguesia imperialista é

muito forte e a classe operária não está preparada. Segundo eles, não há correlação de forças para uma revolução. Por isso, querem continuar governando com o setor burguês supostamente progressista para tentar humanizar o capitalismo. Mas isso significa manter o capitalismo e preparar novos desastres. Mais de um século de governos de reformistas com a burguesia só levou aos mesmos planos neoliberais e à corrupção.

O capitalismo já mostrou todas as suas contradições, mazelas, fracassos e debilidades com a pandemia. Os partidos reformistas poderiam com facilidade convocar as massas a tomar seu destino em suas mãos. Mas na verdade os partidos e as direções reformistas têm sido um apoio fundamental da burguesia para que o capitalismo continue existindo.

Cedo ou tarde, a pandemia e a depressão econômica trarão revoltas e insurgências sociais. O problema é que essas revoltas terão de ser dirigidas contra esse sistema para superá-lo ou se perderão. Uma revolução exige um sujeito social, e a classe trabalhadora é a única classe revolucionária.

Para que o proletariado cumpra esse papel, é necessário que seus elementos mais conscientes, isto é, sua vanguarda, se livrem da influência nefasta de décadas de ilusões reformistas e oportunistas e sejam educados de novo com um programa e uma ideologia socialistas. Essa é a tarefa fundamental que está colocada para os socialistas revolucionários em todo o mundo. Para isso, é preciso construir uma direção revolucionária, isto é, um partido revolucionário mundial.

FORA JÁ BOLSONARO E MOURÃO

Em defesa da vida, do emprego, da renda e do salário, para que todos tenham o direito de ficar em casa

Enquanto fechávamos esta edição, o Brasil já contava 2.628 mortes pela COVID-19, numa dinâmica que apontava apenas o início da escalada de contaminação e óbitos. Considerando-se a subnotificação, o número real é bem maior.

Em alguns estados, como no Amazonas, o sistema público de saúde já entrava em colapso, assim como a capacidade funerária. Mais de um terço dos mortos do estado nos últimos dias morreu em casa sem sequer conseguir ir ao hospital. Já o Ceará tinha 100% das UTIs ocupadas, e Pernambuco, 99% das unidades destinadas à COVID-19. São Paulo tinha 73% das UTIs ocupadas, sendo que muitos hospitais da capital já estavam completamente lotados. Rio de Janeiro já estava enviando pacientes para outras cidades. Todos os leitos da rede pública em Belém já

estavam ocupados. O sistema de saúde vai entrar em colapso nos próximos dias

Sem condições de higiene e acesso a hospitais, as populações mais pobres das periferias são os mais afetados pela pandemia. Em São Paulo, o bairro periférico da Brasilândia concentrava o maior número de mortes confirmadas e suspeitas de coronavírus. Na capital do Rio de Janeiro, regiões mais pobres tiveram um crescimento de infectados de 467% em pouco mais de dez dias.

Enquanto Bolsonaro diz que “o vírus está indo embora”, a realidade é que o país vive apenas o início da escalada de infecção. Para se ter uma ideia, o número de doentes graves por coronavírus no Brasil já é o segundo maior do mundo. São 8.318, só perdendo para o atual epicentro da pandemia, os EUA, com 13.951. Se não fosse o



SUS, ainda que precarizado e subfinanciado, já estaríamos num cenário como o da Lombardia, na Itália,

ou Guayaquil, no Equador, com mortos espalhados pelas ruas. No entanto, a política genocida de Bolsonaro (e a

política parcial e insuficiente dos governos estaduais em outra medida) vai nos levar a essa situação.

COVEIRO DO POVO

Bolsonaro quer promover matança em massa



Diante do avanço da pandemia, o governo Bolsonaro não só se omite de forma criminoso, mas age para sabotar as já insuficientes medidas adotadas pelos governadores. Negocia com os governadores, ameaça decretar o funcionamento dos setores parados e manda o povo ir às ruas.

Perguntado por um jornalista sobre o avanço das mortes no país, Bolsonaro respondeu: “Não sou coveiro.” A realidade é que ele é o coveiro dos trabalhadores e do povo pobre. Seu negacionismo e sua tentativa de quebrar qualquer medida de distanciamento social o transformou num pária internacional. Os únicos governos que agem como ele são os das

ditaduras do Turcomenistão, da Belarus e da Nicarágua.

No último capítulo dessa ofensiva, Bolsonaro nomeou para ministro da Saúde o empresário do setor, Nelson Teich, um sujeito que chegou a dizer, num seminário de oncologia em 2019, que se deveria deixar os velhos morrerem diante das limitações do orçamento.

MATAR DE CORONAVÍRUS OU DE FOME

Bolsonaro quer deixar o povo morrer de coronavírus ou de fome. Faz de tudo para impedir que a ajuda irrisória de R\$ 600 chegue às pessoas. Atrás o quanto pôde a liberação do auxílio. Enquanto fechávamos esta edição, milhões ain-

da esperavam. Recorreu à Justiça, que havia derrubado a exigência da regularização do CPF para recebimento do auxílio, e está deixando à míngua 5,5 milhões de trabalhadores informais sem conta no banco e sem acesso à internet.

Bolsonaro, além disso, age para se aproveitar da crise e radicalizar o extermínio dos direitos trabalhistas, como a tentativa de aprovar a MP do Contrato Verde e Amarelo e a redução dos salários e da jornada de trabalho.

A realidade é que a pandemia veio num momento em que

se iniciava uma grande crise econômica, sobrepondo uma crise sanitária à econômica e social. O governo e a burguesia jogam o custo dessas duas crises nas costas dos trabalhadores e o desemprego acelera na casa dos milhões, enquanto a renda despenca e pequenos e médios empresários entram em falência.

Ou fazemos os ricos pagarem por essa crise histórica ou o que nos aguarda é morte, desemprego, fome e barbárie. Para isso, tirar Bolsonaro e Mourão é a primeira condição fundamental.

SAFADEZA

GOVERNADORES ESTÃO FLEXIBILIZANDO A QUARENTENA

Durante a primeira fase da pandemia no Brasil, duas políticas de combate ao coronavírus se confrontaram: a de Bolsonaro, de se opor às medidas de quarentena, e a dos governadores, expressa pelo ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, pelo Congresso Nacional e pelo STF, de quarentena parcial, insuficiente, resguardando os interesses dos grandes empresários. Foi assim que,

por exemplo, João Doria encabeçou o grupo de governadores e angariou até aumento da sua popularidade.

Agora, quando recém inicia o pico da pandemia, que começa a atingir em cheio as periferias e os mais pobres, esses governos apontam para a flexibilização e a abertura da economia. Governos como o de Romeu Zema (Novo), em Minas Gerais, anunciam a volta às au-

las para agradar a Bolsonaro. Já São Paulo e Rio de Janeiro cedem à pressão das grandes empresas e prometem o afrouxamento da quarentena enquanto as UTIs em seus estados começam a entrar em colapso. Eles se desmascaram e copiam Bolsonaro, quando deveriam garantir condições para que as pessoas ficassem em casa, inclusive os pequenos empresários.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA EM DEFESA DA VIDA, DO EMPREGO E DA RENDA



Paralisação de todos os setores não essenciais

Nossas vidas valem mais que o lucro das grandes empresas e dos banqueiros. Não podemos arriscar nossas vidas para que eles continuem lucrando, é preciso garantir todas as condições para que as pessoas fiquem em casa.



Garantia de todas as condições aos trabalhadores da saúde e dos setores essenciais

É preciso garantir que os trabalhadores dos serviços essenciais possam trabalhar com toda a segurança, com o fornecimento de EPIs, álcool em gel etc.



Reconversão de fábricas para produção de respiradores e EPIs sob o controle dos trabalhadores

Hoje, o Brasil, que ainda conta com importantes indústrias, tem que importar máscaras e respiradores da China. É preciso que as fábricas redirecionem sua produção para produtos e equipamentos necessários ao combate do coronavírus.



Emprego, renda e salário para que todos possam ficar em casa

Proibição das demissões e estabilidade no emprego

Países como a Espanha ou a vizinha Argentina decretaram a medida. Não há nenhum motivo para que o governo não o faça.



Ajuda mínima de 2,5 salários a desempregados e informais

É preciso garantir o pagamento dos R\$ 600 a todos que estão sem renda, acabando com a enrolação do governo, e aumentar essa ajuda para um mínimo necessário à sobrevivência.



Revogação das MPs 936 e 927; não à carteira verde e amarela

Justo num momento de emergência sanitária e social, o governo se aproveita para atacar ainda mais direitos, salários e empregos dos trabalhadores. Precisamos de garantia de emprego, salário e renda, não mais precarização, redução dos salários e desemprego



Garantia de renda, cesta básica e condições de higiene na periferia

A população dos bairros pobres e favelas é a mais vulnerável à pandemia e à crise econômica e social. É preciso garantir renda digna, condições de sobrevivência e produtos de higiene para o povo pobre.



Apoio a micro e pequenos empresários

Governo deve pagar a folha de salários das empresas com até 20 funcionários.



Que os ricos e os banqueiros paguem a conta da crise

Taxação das grandes fortunas
É preciso que os ricos paguem impostos sobre suas fortunas, e não só os pobres e a classe média como é hoje.



Confisco dos lucros dos bancos e estatização do sistema financeiro

O Itaú vem fazendo propaganda da "doação" de R\$ 1 bilhão, mas só de lucro líquido teve R\$ 26 bilhões em 2019 roubando o povo. É preciso confiscar os lucros bilionários dos bancos, que nos pertencem, e estatizar o sistema financeiro sob o controle dos trabalhadores.



Suspensão do pagamento da falsa dívida aos banqueiros

Grande parte dos nossos recursos vão hoje para os banqueiros na forma de juros. É preciso parar essa sangria e usar as reservas internacionais (mais de US\$ 360 bilhões) para investimento social e obras públicas pós-pandemia.



Proibição da remessa de lucros

É preciso proibir a remessa de lucros e de dólares das multinacionais e especuladores para fora do país.



Estatização da saúde privada

É preciso estatizar a saúde privada com a centralização dos leitos de UTI conforme a necessidade da população.



Petrobras 100% estatal e sob o controle dos trabalhadores e reestatização das estatais privatizadas

Só assim seria possível baixar o preço do combustível e do gás de cozinha, garantir abastecimento do povo e preservar a vida dos trabalhadores da estatal. É preciso ainda reestatizar as demais estatais, como Vale, CSN, Embraer, e colocar os bancos públicos e as estatais sob o controle dos trabalhadores.



Auto-organização dos trabalhadores e dos setores populares; operários e povo pobre no poder!

A solidariedade entre os de baixo, como já está acontecendo, é fundamental. É preciso avançar na consciência e na nossa organização para defender a vida e a soberania do país e controlar a produção e a distribuição do que necessitamos, no rumo da construção de comitês populares e de um governo socialista dos trabalhadores, que governe por conselhos populares.

BOLSONARO GENOCÍDA

Por que o Brasil não realiza testes em massa?

WALBER CRUZ,
DE SÃO PAULO (SP)

O Turcomenistão é um país na Ásia central cujo ditador decretou que lá não existe a COVID-19. Lá não existe subnotificação, porque tampouco existe notificação, pois não há testes, e quem fala a palavra coronavírus pode até ser preso.

Bolsonaro reconheceu uma “gripezinha”, mas a sua política tem os mesmos fundamentos do ditador de lá. Não reconhece a pandemia, a utiliza para retirar direitos dos trabalhadores e, se possível, acabar com as liberdades democráticas no país.

O ex-ministro Luiz Henrique Mandetta deixou o ministério com menos de 1% dos testes prometidos, o que faz o Brasil ocupar o último lugar entre os países latino-americanos em número de indivíduos testados, proporcional à população. Não há testes nem para os profissionais da saúde expostos ao vírus, tampouco para detectar as causas dos óbitos por insuficiência respiratória. A política da subnotificação no Brasil é criminosa e tem o mesmo objetivo daquela do ditador do Turcomenistão: esconder a pandemia e realizar um genocídio no país.

QUAIS SÃO OS TESTES QUE DETECTAM O VÍRUS?

Existem dois tipos de testes para diagnosticar a COVID-19. Os testes moleculares, mais eficazes, analisam o material genético do vírus e precisam ser realizados em laboratórios, porém são mais demorados. Sua vantagem é que permitem identificar o vírus em indivíduos assintomáticos.

O segundo tipo são os testes rápidos (imunológicos) que detectam anticorpos produzidos pelo organismo humano para combater o vírus. O resultado sai na hora, mas não tem cem por cento de eficácia, pois exige que a pessoa tenha os sintomas desenvolvidos.



Países que aplicaram os testes em massa utilizam uma combinação de dois testes. Apesar de menos eficaz, o teste rápido permite isolar os indivíduos

os portadores que difundem a enfermidade. Os testes laboratoriais são mais utilizados para impedir a proliferação do vírus em profissionais da saúde.

TEM CONDIÇÃO

Pesquisadores brasileiros desenvolvem testes

A demora em montar a infraestrutura para a produção de testes em massa no Brasil foi uma decisão da política de Bolsonaro que nunca foi denunciada por Mandetta. Isso vai se aprofundar com o novo ministro Nelson Teich.

O obstáculo para os testes em massa, segundo o Ministério da Saúde, seria o fato de os insumos para sua produção serem importados, e a ação dos imperialismos dos Estados Unidos e

da Europa impedia a importação. Mas algumas universidades brasileiras e institutos de pesquisas desenvolveram testes rápidos com insumos brasileiros com a mesma eficácia dos importados. O quadro abaixo demonstra algumas destas instituições.

O Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), com sede em Manaus, uma das cidades mais atingidas pela pandemia, desenvolveu uma versão nacional dos

kits de diagnóstico rápido. Segundo o gestor do CBA, Fábio Calderaro, esse novo teste pode ser produzido com insumos nacionais e terá um índice de detecção superior aos importados.

Os pesquisadores do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP desenvolveram métodos que permitem fazer testes para identificar o vírus em equipamentos disponíveis na maioria dos laboratórios do país. A técnica, que utiliza reagentes pro-

duzidos no Brasil, reduzirá o tempo de detecção da doença para quatro horas, com a mesma eficiência do teste convencional.

A Fiocruz, afirma que pode produzir um milhão de testes moleculares e um milhão de testes rápidos até o final de abril. A Universidade Federal de Uberlândia, por meio do Laboratório de Nanobiotecnologia do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Teranóstica e Nanobiotecnologia (INTC TeraNano), diz

trabalhar com testes que ficam prontos em apenas um minuto, realizados por sensores biológicos com Inteligência Artificial. A universidade prevê que os primeiros equipamentos para o início dessas pesquisas estejam disponíveis para o sistema de saúde em menos de um mês. Cada equipamento, que custa cerca de R\$ 100 mil, consegue processar entre 400 e 500 resultados por dia e cada exame deverá ter um custo de R\$ 40.

INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS DE PESQUISA SOBRE A COVID-19

Instituição	Tipo de atividades desenvolvidas	Insumos	Fontes
CBA Centro de Biotecnologia da Amazônia (Manaus – AM)	Sequenciamento do novo coronavírus. Tem trabalhado em uma versão nacional dos kits de diagnóstico rápido de COVID-19.	Nacionais	Suframa, MCTIC, Ministério da Saúde e Agência Brasil (abril de 2020)
Fiocruz (filiais em vários estados)	Produção de 15 milhões de testes moleculares e 8 milhões de testes rápidos	Importados e nacionais	Portal Fiocruz
UFU Universidade Federal de Uberlândia	Testes rápidos (1min) realizados por sensores biológicos com Inteligência Artificial, capazes de detectar o vírus com rapidez e baixo custo	Não informado	EBC – Empresa Brasil de Comunicação (abril de 2020)
Instituto Butantan	Importação de kits de testes tipo PCR	Importados	Site do Instituto Butantan (19/4/2020)
ICB-USP Universidade de São Paulo	Produção de testes imunológicos e moleculares	Importados e nacionais	Jornal USP, abril de 2020

MAS BOLSONARO NÃO QUER

Brasil pode realizar testagem em massa

O Brasil tem capacidade industrial e tecnologia que permitem a fabricação de kits para a testagem em massa. O país que realizou mais testes em massa, Coreia do Sul, aplicou 400 mil testes para uma população de 50 milhões de habitantes. Isso é perfeitamente possível de ser feito nas regiões mais afetadas pela pandemia no Brasil.

Porém Bolsonaro, com sua política genocida, não deseja isso. O governo aproveita a

pandemia para dizimar os pobres. Por isso quer acabar com a quarentena mequetrefe nos estados. Bolsonaro é o principal obstáculo ao combate à pandemia.

É preciso centralizar a produção, ou seja, obrigar todos os laboratórios privados que tenham condições técnicas a produzir os kits. Casos não obedecem essa diretriz, devem ser nacionalizados e colocados sob controle dos trabalhadores.

WALBER CRUZ É DOUTOR EM FARMACOLOGIA PELO ICB-USP E PROFESSOR DE PSICOFARMACOLOGIA NA UNIPAULISTANA, EM SÃO PAULO.

PANDEMIA

Indígenas lançam manifesto denunciando descaso de Bolsonaro



DA REDAÇÃO

No dia 19 de abril, povos indígenas de 22 etnias e dos estados do Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Acre, Ceará e Maranhão lançaram um manifesto denunciando a política assassina de Jair Bolsonaro diante da pandemia da COVID-19 e a violência contra os seus territórios. Os indígenas fazem exigências para a proteção de aldeias pelo país, como ações de saúde pública específicas, garantia de alimentação, demarcação de territórios entre outras demandas.

CONFIRA O MANIFESTO AO LADO >>>>>>>>>>

CONFIRA O VÍDEO



CLIQUE NO QR CODE E ASSISTA O VÍDEO DA CARTA DOS POVOS INDÍGENAS

Carta dos Povos Indígenas

Aos
Governo Federal, Fundação Nacional do Índio (Funai) e Ministério Público Federal

Prezados Senhores,

Desde a chegada dos primeiros colonizadores ao Brasil, os povos indígenas são vítimas de constantes ataques ao direito de existir. Há tempos lutamos por nossa riqueza cultural, nossos modos e costumes, nossa religiosidade, nossa ancestralidade. Tudo em defesa dos nossos territórios originários e sagrados.

Lutamos com nossos corpos contra o sistema econômico que insiste em nos violentar e destruir a nossa mãe terra. Assassina nossos parentes. Poluem nossos rios. Derrubam nossas florestas e nos expulsam de nosso lar sagrado. Tudo isso por propriedade e lucro.

Por todos esses fatores, reafirmamos a nossa total preocupação com todos os Povos Indígenas do Brasil, diante desta catastrófica pandemia do coronavírus e a extrema violência contra os nossos territórios.

Devido a todas essas violações, medidas emergenciais precisam ser implementadas para a proteção dos territórios e a garantia do bem viver:

- 1 - Garantia de alimentação para todas as aldeias
- 2 - Implantação do orçamento destinado para a Secretaria Especial de Saúde (Sesai), Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dsei) e para as Casas de Saúde Indígena (Casai);
- 3 - As ações de saúde para o combate à pandemia da COVID-19 devem ser aplicadas na língua materna das etnias.
- 4 - Distribuição de kits de higiene pessoal e máscaras nas aldeias
- 5 - Proteção dos territórios em conflito pela Força Nacional de Segurança e Polícia Federal, independente da fase de regularização
- 6 - Implantar Programa de Proteção a lideranças indígenas ameaçadas.
- 7 - Agilizar a apuração dos crimes contra indígenas, em especial aos cometidos recentemente na Terra Indígena Arariboia, no estado do Maranhão.
- 8 - Demarcação dos territórios

Assegurando a veracidade e a legitimidade das declarações aqui contidas, assinam os Povos. Povos indígenas que assinam o manifesto:

Awá-Guajá/MA; Cassupá/RO; Guajajaras/Juçaral-MA; Guarani/MT; Guarani Anbya/SP; Guarasugwe/RO; Ka'apor/MA; Kaiowá/MT; Kariri do Crato/CE; Kariri Quixeló/CE Karipuna/RO; Kokama/AM; Krenyê/MA; Mucuá/RO; Mubim/RO; Mura/AM Oro mon/RO; Purubora/RO; Sateré/AM; Tikuna/AM; Yawanawa/AC; Tremembé Engenho/MA

A JAGUNÇADA NÃO TIRA QUARENTENA!

Indígenas são assassinados durante pandemia

Os povos indígenas se encontram em situação de total vulnerabilidade diante da pandemia. Mas não é só isso. A grilagem de terras e a ação da jagunçada não tira quarentena. A violência contra aldeias e comunidades continua e com toda impunidade que sempre gozou.

Em meio à restrição do

confinamento nos territórios indígenas por causa da pandemia do novo coronavírus, a violência contra as lideranças não cessa. Em Rondônia, na manhã do dia 18 de abril, foi encontrado morto com marcas de pancadas o professor e agente ambiental Ari Uru-Eu-Wau-Wau, de 33 anos, na estrada do distrito de Tarilân-

dia, no município de Jarú. O corpo estava ao lado da motoneta da liderança.

No dia 31 de março, o líder Zezico Rodrigues Guajajara, da aldeia Zutiwa, da Terra Indígena Arariboia, foi assassinado num trecho da estrada Matinha, no município maranhense de Arame, a 477 quilômetros da capital São Luís.



150 ANOS DE

LENIN

A importância de sua luta e de sua obra



JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Não é fácil resumir em poucas linhas a vida e a obra de Vladimir Ilyich Ulianov “Lenin” (22 de abril de 1870 – 21 de janeiro de 1924), líder supremo da mais importante revolução da história, a Revolução Russa. Por décadas, a burocracia stalinista o converteu em ídolo oficial, levantou estátuas como parte do culto à personalidade – tudo o que Lenin sempre repudiou – e propagou uma caricatura grotesca a respeito da sua vida e obra. De outro lado, a máquina de propaganda do imperialismo e da burguesia mundial transformam Lenin num ditador assassino, muitas vezes utilizando os crimes cometidos por Stalin para corroborar essa campanha de mentiras.

A sofisticação do pensamento de Lenin, porém, é muito diferente dessa imagem grotesca apresentada pelo stalinismo e das calúnias propagadas pelo imperialismo. Lenin foi o principal teórico marxista da sua época. Seu pensamento e sua ação política foram determinantes para a vitória da Revolução

de Outubro. A volumosa obra que oferece é leitura obrigatória para qualquer revolucionário que luta pelo socialismo.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL “Lenin” foi um pseudônimo criado para se proteger da longa ditadura czarista, à qual combateu por quase toda a vida. Sua vida pessoal era modesta. Mesmo após a tomada do poder pelos bolcheviques, Lenin morou num apartamento pequeno e simples que mal o acomodava, à sua companheira, Nadejda Krupskaya, e à sua irmã. Gostava de gatos, de andar de bicicleta, de fazer caminhadas nas montanhas e florestas e jogava bem xadrez.

Foi como um enxadrista da política revolucionária que Lenin se destacou e entrou para a história. Até 1914, antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, uma catástrofe que ceifou a vida de milhões na Europa, Lenin era mais um dos integrantes da ala esquerda social-democrata da II Internacional.

Em 1902, escreveu *Que fazer?*, no qual elaborou e colocou em

prática aquilo que seria uma de suas maiores contribuições ao marxismo: a construção de um partido revolucionário profissional baseado no método do centralismo democrático: máxima discussão democrática interna, unidade total na ação. Um partido organizado e delimitado por meio de programa, cuja tarefa seja incorporar o socialismo nas lutas diárias dos trabalhadores, implantado com solidez na classe operária.

Ao longo dos anos, Lenin aperfeiçoou sua elaboração sobre o partido, que continuou em muitos de seus outros textos, como no célebre *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1920).

Lenin combateu e denunciou a II Internacional, quando esta se colocou em defesa dos interesses da burguesia imperialista da Primeira Guerra Mundial, e propagou a necessidade de se construir uma nova Internacional. Quando estourou o conflito, Lenin percebeu que uma onda revolucionária sacudiria a Europa após a guerra. Foi o que aconteceu. E para surpresa do próprio Lenin, a revolução estourou em seu próprio país.

DEBATE

O caráter da Revolução na Rússia

Último regime absolutista da Europa, a Rússia era um imenso império decadente no qual 90% da população (de 150 milhões no total) vivia no campo. Havia também uma burguesia débil que dependia do Estado tirano e opressor.

A esmagadora maioria dos socialistas da época imaginava que a revolução na Rússia teria um caráter burguês, isto é, varreria o regime absolutista, instauraria um regime democrático parlamentar e permitiria o desenvolvimento econômico e social do capitalismo. Nessa época, Lenin não opinava muito diferente dessa fórmula.

Naquele momento, Lenin sustentava que a luta contra a monarquia tinha por objetivo a instauração de um governo republicano que varresse os traços de feudalismo do país, fizesse a reforma agrária e instituisse a jornada de oito horas nas fábricas. Portanto, a revolução russa não

teria um caráter socialista, mas democrático como foram as revoluções burguesas do século 19.

Contudo, diferentemente da ala moderada menchevique, Lenin não acreditava que a burguesia russa pudesse dirigir sua própria revolução, pois era débil e vivia à sombra da monarquia. Por isso, defendia que a firme atuação e a colaboração mútua entre o proletariado e o campesinato eram indispensáveis. Estes dois setores formariam um governo e realizariam as tarefas democráticas da revolução. Essa fórmula ficou conhecida como “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” e ainda estaria na cabeça da maioria dos dirigentes bolcheviques em 1917, como veremos a seguir.

Em 1905 apenas um marxista russo pensava completamente diferente. Leon Trotsky percebia que a classe operária russa era re-

duzida em número, mas se concentrava, sobretudo, nas grandes cidades. Trotsky concluía que, diante da covardia da burguesia russa em dirigir a revolução, esse proletariado poderia assumir tal tarefa. Mas pensava que, ao se propor cumprir as tarefas democráticas, como a realização da reforma agrária, jornada de oito horas etc., elas se combinariam com tarefas socialistas.

TESES DE ABRIL

Em 1917, quando eclodiu a Revolução de Fevereiro, Lenin já havia abandonado a fórmula de antes. Passou a defender que o objetivo estratégico da revolução é o socialismo e a conquista do poder pelo proletariado em aliança com os camponeses pobres. O seu estudo sobre a dialética foi muito importante para isso.

LEIA AQUI



CLIQUE NO QR CODE
E LEIA O ARTIGO SOBRE
AS TESES DE ABRIL
COMPLETO

No dia seguinte à sua chegada à Rússia, Lenin se colocou radicalmente contra a orientação da direção dos bolcheviques da época, formada por Stalin e Kamenev. Em vez de ser a ala esquerda da república parlamentar, como defendiam esses dirigentes do partido, Lenin propunha preparar a classe operária para derrubar o governo e assumir o poder pelos soviets. Lenin chegou a ser taxado como lunático e ficou isolado dentro da direção

do seu próprio partido quando suas teses foram rejeitadas pelo Comitê Central bolchevique. Foi então que exigiu a realização de um congresso extraordinário do partido e a abertura do mais amplo debate sobre suas posições. Apoiando-se na base operária bolchevique, Lenin conseguiu vencer o debate e imprimiu ao partido o seu rearmamento político, o primeiro passo para levar a classe operária a disputar e tomar o poder.

O ESTADO E A REVOLUÇÃO

Durante a revolução de 1917, Lenin escreveu outra obra de suma importância, *O Estado e a revolução*. Nela, ele afirma que o objetivo da revolução é “quebrar o Estado burguês” e substituí-lo pela ditadura do proletariado. É necessário estabelecer um novo tipo de Estado, semelhante ao da Comunidade de Paris. Lenin repete com insistência: “Os trabalhadores, depois de conquistarem o poder político, quebrarão o velho aparato burocrático, eles o demolirão até suas fundações, não deixarão pedra sobre pedra, e o substituirão por um novo dispositivo” baseado nos conselhos (os soviets).

AS MEDIDAS DE TRANSIÇÃO

Em setembro de 1917, os bolcheviques caminhavam rápido para ganhar a maioria dos soviets de toda a Rússia quando Lenin publicou “A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la”, um programa de medidas transitórias para a tomada do poder. O texto apresenta uma metodologia

inovadora na formulação programática que supera em muito a metodologia de divisão da social-democracia entre os programas mínimo e máximo.

Para esses últimos, o programa mínimo se limitava a reformas no quadro da sociedade burguesa, e o programa máximo prometia a substituição do capitalismo pelo socialismo num futuro indeterminado. Não havia nenhuma mediação, nenhuma ponte entre eles. Dividia seu programa em duas partes independentes uma da outra.

Lenin concluiu que os tempos das reformas sociais haviam passado e sabia que cada reivindicação do proletariado e do campesinato russo se chocava inevitavelmente com os limites do capitalismo. Nem por isso descartava o programa mínimo no seu conjunto. Ao longo do texto, ele apresenta medidas específicas de caráter transitório ao socialismo (nacionalização dos bancos, nacionalização dos consórcios etc.), reivindicações cuja realização constituía uma necessidade imediata e urgente para a classe operária e a levaria à tomada do poder.

Essa elaboração sobre as reivindicações transicionais alimentou um profundo debate anos mais tarde no seio da Internacional Comunista. No entanto, o stalinismo ceifou de forma prematura essa discussão. Apenas anos mais tarde, esse método foi retomado no *Programa de Transição* elaborado por Trotsky para a IV Internacional.

BUROCRATIZAÇÃO

O último combate de Lenin



A jovem república soviética enfrentaria enormes desafios após a revolução. A guerra civil destruiu o país e liquidou os elementos mais combativos do proletariado. A derrota da revolução mundial, principalmente da revolução alemã (1919-1923), levou a URSS a um completo isolamento. Desde que tomaram o poder, os bolcheviques pensaram de forma obsessiva em expandir o processo revolucionário para a Europa. Esse foi o sentido da organização da Internacional Comunista, o partido mundial da revolução.

O isolamento internacional e o atraso cultural, porém, fortaleceram uma camada de técnicos e especialistas que se constituíram numa casta burocrática que começou a assumir a defesa de seus privilégios. Encontraram em Stalin o seu grande chefe e representante. Aproveitando-se do afastamento de Lenin em razão da sua doença, Stalin nomeou carreiristas e fiéis burocratas para cargos chave do Partido Comunista Soviético.

Mesmo isolado e doente, Lenin percebeu o perigo e, no período final de sua vida, travou seu último combate: contra a burocratização do Estado operário soviético. Lenin propôs uma série de medidas para combater a burocratização, mas todas elas entraram em choque com Stalin. Cada vez mais doente e sofrendo um isolamento imposto por Stalin, Lenin teve muitas dificuldades em travar essa batalha. Foi nesse período que elaborou seu texto mais importante da época: “Carta ao congresso”, também conhecido como “Testamento político”.

Nesse documento, ele se refere aos mais importantes dirigentes do partido. Dentre eles,

Trotsky é considerado “pessoalmente (...) o homem mais capaz do atual CC”, enquanto Stalin “é grosseiro demais, e este defeito (...) se torna intolerável no cargo de secretário-geral”.

Na carta, Lenin propõe ao congresso a substituição de Stalin do cargo de secretário-geral. Mas a fração stalinista decidiu que a carta nunca fosse lida no congresso. Contra a vontade do próprio Lenin e sob os protestos de Krupskaya e Trotsky, os delegados do XIII Congresso nunca tomaram conhecimento de suas últimas reflexões e orientações.

Lenin foi o primeiro a lutar contra a burocratização soviética. Foi seu último combate, interrompido por sua morte em 21 de janeiro de 1924. Muitos outros velhos bolcheviques assumiram a resistência à burocratização. A bandeira da luta contra a burocracia e o stalinismo foi levantada pela Oposição de Esquerda dirigida por Trotsky, que a sintetizou em forma de programa político de transição na luta pela revolução política, uma das bases para a fundação da IV Internacional.

Hoje a humanidade está novamente diante de uma catástrofe, uma pandemia que significará a morte para milhões de pobres e vulneráveis, combinada com uma crise econômica que só pode ser comprada à de 1929. No momento em que o capitalismo conduz a humanidade para novas tragédias, a leitura de Lenin se torna obrigatória para todos aqueles que buscam a construção de uma sociedade socialista.

ARTIGO COMPLETO



CLIQUE NO QR CODE
E LEIA O ARTIGO
COMPLETO



COVID-19

Trump é o coveiro dos Estados Unidos

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SECRETARIA NACIONAL
DE FORMAÇÃO DO PSTU

No domingo, 19 de abril, o número de mortos pela COVID-19 nos Estados Unidos (EUA) ultrapassou 42 mil, com no mínimo outras 780 mil pessoas contaminadas, com o agravante de que 10 mil dessas mortes foram registradas apenas nos últimos quatro dias. Para se ter uma ideia do significado disso, basta dizer que a nação mais rica do mundo acumula cerca de 25% das mortes mundo afora causadas pela pandemia (cerca de 170 mil) e 30% das aproximadamente 2,5 milhões de pessoas que já foram testadas com resultado positivo.

Isso não pode ser considerado nem fatalidade nem coincidência. O fato de que a pandemia está atingindo de forma tão fulminante o chamado “coração do imperialismo” é um indicador de que ela encontrou terreno fértil numa sociedade já

há muito doente, que tem nos EUA apenas seu retrato mais execrável e em Donald Trump uma de suas mais horrendas e patéticas personificações.

TRIPUDIANDO COM A VIDA HUMANA

Não é acaso, contudo, que no último fim de semana Bolsonaro e Trump tenham protagonizado cenas muito semelhantes em apoio a seguidores que saíram às ruas protestando contra as medidas de isolamento social, exigindo o “retorno à normalidade” em defesa da “saúde da economia”.

Seria um equívoco chamá-los de irresponsáveis, muito mais de loucos. São, sim, expressões da lógica perversa e desumana do capitalismo. Trump, símbolo desse sistema, é também sua melhor tradução. Por isso, acompanhar algumas de suas declarações desde o início da pandemia é como ler o roteiro de uma tragédia anunciada.

Trump começou zombando do alcance e da letalidade da pandemia e criando fake news, referindo-se ao novo coronavírus como “o vírus chinês”. Dizia que o país não precisava se preocupar e que, de qualquer forma, o contágio perderia força a partir de abril, porque

“o clima mais quente tem um efeito negativo sobre este tipo de vírus”.

Em 10 de fevereiro, apresentou um pacote que incluía desde um corte imediato de 16% no orçamento do Centro de Controle de Doenças, o principal órgão federal no tratamento de

epidemias, até a eliminação de US\$ 1,5 trilhão em gastos com a saúde nos próximos dez anos.

Em 24 de fevereiro, Trump disse: “o coronavírus está totalmente sob controle nos EUA.” Ele ainda descambava para a completa leviandade, como numa declaração três dias depois: “(...) Isso vai desaparecer, é como um milagre (...) um dia vai desaparecer”.

A VIDA COMO MERCADORIA DESCARTÁVEL

Os números atuais comprovam lamentavelmente que não houve milagres. Não que Trump esperasse por eles. Ele apenas mentiu de forma descarada. Suas verdadeiras intenções estão mais evidentes nos tuítes que disparou para celebrar seus seguidores que saíram às ruas no fim de semana (quando pesquisas indicam que 66% da população defende o confinamento): “Liberem... Reabram... o estado X, Y ou Z”, foi a ordem emitida pelo presidente.



POPULAÇÃO NEGRA É MAIS AFETADA

Negras e latinas: as vidas que menos importam



Num sistema alicerçado em diferenças que são transformadas em desigualdades, não é de se estranhar que, dentre as mais afetadas estejam as vidas daqueles e daquelas que são considerados menos importantes. Não é por acaso que, como discutido no artigo “As mortes dos negros nos EUA

pela COVID-19” que “a maioria das mortes por COVID-19 são de pessoas negras, mesmo em esta-

LEIA AQUI



CLIQUE NO QR CODE
E LEIA O ARTIGO
COMPLETO

dos em que a população branca é majoritária”.

Segundo os dados do Statista Infographichs Newsletter, em 7 de abril, em Louisiana, onde os que se declaram os afro-americanos representam 32% da população, negros e negras constituem mais de 70% de todas as mortes

por COVID-19. Já em outros dois estados, Illinois e Michigan, onde a parcela afro-americana da população é de 15% e 14% respectivamente, a participação do grupo no total de mortes é de pouco mais de 40%.

Outros levantamentos comprovam que essa é uma realidade nacional. Em Milwaukee (no estado de Wisconsin), os negros(as), que são 26% da população, eram 81% dos mortos. No estado inteiro, a desproporção também é absurda: negros são apenas 6% da população e quase 40% dos mortos. Situação semelhante ocorre no Kansas, onde a porcentagem da população negra é a mesma e a de mortos chega a 30%.

Na capital do país, Washington D.C., onde os negros são 46% dos habitantes, são também 60% dos mortos. O forte perfil racial da pandemia fica ainda mais evidente na cidade mais atingida pela COVID-19, Nova Iorque, com 10 mil casos fatais. Por lá, 34% dos mortos são hispânicos, apesar

de só representarem 29% da população nova-iorquina. Os afro-americanos constituem 28% dos mortos e são 22% da população da cidade, que é de 22%.

Essa população enfrenta péssimas condições de vida que dificultam a prevenção, favorecem a propagação e impedem o tratamento (o que, nos EUA, é praticamente inviável para negros e negras, já que a maioria não tem planos de saúde e todo o sistema é privado).

O fato é que, hoje, a pandemia está expondo de forma terrível não só o alto teor de barbárie no qual o sistema está mergulhando o mundo, como também o quanto isso se combina com a opressão racial.

Trump é inegavelmente o maior responsável pela tragédia, isso também porque ele é sua expressão mais descarada. Isso não elimina a responsabilidade de todos e todas que, de alguma forma, alimentam ilusões numa sociedade doente como esta.

ORGIA BAQUIANA

Governo do AM compra respiradores em loja de vinho

Não é manchete do Sensacionalista nem história de realismo fantástico. É uma história para lá de criminosa, de gente perversa que fatura com a corrupção em cima da tragédia dos pobres. Enquanto o estado do Amazonas é um dos mais castigados pela pandemia e seu sistema público de saúde está em colapso, o governo Wilson Lima (PSC) comprou 28 ventiladores pulmonares de uma loja de vinhos. Como se não bastasse, a compra foi superfaturada, e os equipamentos são considerados totalmente inadequados para pacientes graves da COVID-19, disse o Conselho Regional de Medicina.

Os ventiladores da marca Resmed foram vendidos por R\$ 104,4 mil cada. O mesmo



aparelho é vendido por cerca de R\$ 25 mil por revendedores nacionais e do exterior, o que caracteriza um sobrepreço de 316%. Outros quatro aparelhos da marca Philips foram adquiridos na mesma adega por R\$ 117,6 mil cada, mas a unidade é vendida por R\$ 38 mil por revendedores nacionais, uma diferença de 209,4%.

A loja de vinho recebeu R\$

2,9 milhões para vender ventiladores pulmonares ao governo do Amazonas. A compra foi feita em 8 de abril com dispensa de licitação. Na maior cara de pau, o governador alega que está tudo conforme a lei. A loja de vinho é a Vineria Adega, um conhecido ponto de encontro de políticos do estado. Aí jogam pedra na vidraça e não sabem de onde vem, não é mesmo?

GRILAGEM NÃO TIRA QUARENTENA



Desmatamento na Amazônia aumenta quase 30% em março

Enquanto a pandemia devasta Manaus (AM) e ameaça as populações indígenas e os camponeses ribeirinhos, o mês de março registrou aumento de 29,9% de alertas de desmatamento na Amazônia segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Os alertas de desmatamento na floresta bateram o recorde histórico para o primeiro trimestre de 2020 se comparado ao mesmo período dos últimos quatro anos, quando começou a série de monitoramento do sistema Deter-B desenvolvido pelo Inpe.

Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2020 foram emitidos alertas para 796,08 quilômetros quadrados da Amazônia, aumento de 51,45% em relação ao mesmo período de 2019, quando houve alerta para 525,63 qui-

lômetros quadrados. Em 2018 foram 685,48 quilômetros quadrados; em 2017 foram 233,64 quilômetros quadrados; e em 2016 foram 643,83 quilômetros quadrados.

Os alertas de desmatamento servem para embasar ações de fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Recentemente, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, demitiu o diretor de Proteção Ambiental do Ibama, Olivaldi Alves Borges de Azevedo. A demissão aconteceu após o programa Fantástico, da TV Globo, exibir uma reportagem sobre uma operação de combate ao garimpo ilegal em terras indígenas coordenada pelo órgão ambiental, especificamente pela diretoria de Olivaldi.

EXEMPLO

PSTU-AM entra com ação para estado requisitar estrutura da rede privada de saúde

Ainda sobre o Amazonas, o presidente do PSTU-AM, Gilberto Vasconcelos, entrou com uma Ação Popular na Justiça, no último dia 20, para obrigar o Estado do Amazonas a demandar a totalidade de serviços e bens prestados à assistência da saúde para a população em setor privado. O objetivo é fazer com que o governo estadual seja responsável por todo o sistema de saúde, incluindo a rede privada, garantindo todo atendimento e acolhimento necessário à população durante a pandemia.

Na petição, o dirigente do partido afirmou que o PSTU defende “o gerenciamento único e estatal de toda a rede de saúde para enfrentar a pandemia, estatizando a saúde”. A principal preocupação do PSTU-AM é a situação atual do sistema de saúde do Estado, que passa por calamidade pública desde 15 de abril. Os da-



Manaus - enterros coletivos em cova comum das vítimas de COVID-19

dos mais recentes da COVID-19 no Amazonas mostram mais de 2 mil casos e 185 mortes.

“Creio ser justo que toda a estrutura de saúde existente seja colocada para salvar vidas. Isso é legal e necessário. A rede de saúde privada deve dar sua contribuição”, disse Gilberto.

“A situação do sistema público de saúde é de colapso. Dos poucos mais de 400 respiradores existentes em Manaus,

apenas 104 ou 106 são públicos e nem sabemos se todos estão funcionando. Mais 300 estão na rede privada. É muito provável que vidas já teriam sido salvas se todos estivessem à disposição das pessoas doentes”, explicou.

LEIA AQUI



CLIQUE NO QR CODE E LEIA A AÇÃO AQUI

MORAES MOREIRA

O eterno novo baiano

ROBERTO AGUIAR DE SALVADOR (BA)

No último dia 13, um infarto silenciou a voz do primeiro cantor de trio elétrico e um dos violões mais afinados da Música Popular Brasileira. Antônio Carlos Moraes Pires, conhecido como Moraes Moreira, morreu aos 72 anos no Rio de Janeiro.

Nascido em Ituaçu, na Bahia, Moraes Moreira começou a se apresentar em festas juninas aos 12 anos de idade, tocando sanfona. Em entrevistas aos veículos de comunicação, sempre pontuava sua origem sertaneja e fazia referência ao livro Cem Anos de Solidão, do escritor colombiano Gabriel García Márquez.

“O Sertão era longe tudo, era uma espécie de Macondo, do livro Cem Anos de Solidão. Mas mesmo longe sempre estive ligado à música pelo rádio, pelos sanfoneiros e pela banda de música da cidade. E foi a música que me fez sair de lá e foi me levando para o mundo”, disse ao Guia Culturando.

Mudou-se para Salvador aos 19 anos, onde conheceu os parceiros com quem formaria o grupo Novos Baianos em 1969. Junto com Luiz Galvão, Paulinho Boca de Cantor, Baby do Brasil, Pepeu Gomes e Dadi, criou um dos principais grupos da história da MPB. Influenciados pela contracultura, pelo emergente movimento da Tropicália e pelo também baiano e pai da bossa nova, João Gilberto, fizeram uma mistura de sons.

Juntaram o rock com samba, maracatu, bossa nova, choro, afonxé, ijexá e frevo. Criaram um som diferente, uma espécie de samba com a energia do rock em meio à ditadura militar. O disco Acabou o Chorare, de 1972, foi classificado pela revista Rolling Stone, em

2007, como o melhor disco da história da música brasileira.

FUTEBOL

Moraes Moreira era apaixonado por futebol. Não foi à toa que, no sítio apelidado de “Cantinho do Vovô”, em Jacarepaguá, criaram o time Novos Baianos Futebol Clube com as cores vermelho e amarelo. O nome do time também batizou o álbum de estúdio do grupo. O disco ganhou um filme homônimo de Solano Ribeiro, disponível no YouTube.

Moraes era flamenguista doente. Em sua terra natal, sua simpatia era pelo Esporte Clube Bahia. Junto com os criadores do trio elétrico, Dodô & Osmar, Moraes comandou a festa do título de campeão brasileiro do Bahia em 1988.

CARREIRA SOLO

Em 1975, partiu para carreira solo. Ganhou o Brasil com várias músicas populares ligadas ao carnaval, uns frevos trieletrizados, como “Pombo Correio”, “Vassourinha Elétrica” e “Bloco do Prazer”. Como parte viva do carnaval de Salvador, Moraes Moreira sempre lutou contra a mercantilização da maior festa de rua do planeta. Sempre puxou o trio elétrico sem corda, fazendo da Praça Castro Alves sua apoteose.

Cantar para multidões sempre fez parte da vida de Moraes. Na histórica primeira edição do Rock in Rio, em 1985, cantou duas noites seguidas para milhares de pessoas. Gravou mais de 20 discos em carreira solo.

Sem nenhuma dúvida, a música brasileira perdeu um dos seus maiores expoentes. A MPB se tornou grande e Moraes foi um dos responsáveis. Por isso, será eternamente lembrado. Obrigada, Moraes!



“O Sertão era longe tudo, era uma espécie de Macondo, do livro Cem Anos de Solidão. Mas mesmo longe sempre estive ligado à música pelo rádio, pelos sanfoneiros e pela banda de música da cidade. E foi a música que me fez sair de lá e foi me levando para o mundo”, disse ao Guia Culturando.

ENTREVISTA

“Moraes Moreira era o nosso grande timoneiro”

O Opinião conversou com Paulinho Boca de Cantor, que relembrou o primeiro encontro com Moraes Moreira em Salvador, a formação dos Novos Baianos e a forte amizade com Antônio, como carinhosamente chamava o parceiro pelo primeiro nome.

Quando e como iniciou sua amizade com Moraes Moreira?

Paulinho – Nossa amizade começou há 50 anos. Conheci Moraes e Galvão na casa do Tuzé de Abreu, que tocava na orquestra que eu cantava. Não nos separamos mais e decidimos que poderíamos construir alguma coisa juntos. Aí as outras pessoas foram chegando como Baby, Pepeu, Jorginho, Didi, Dadi, Baixinho, Bola, Bollaça, Gato e Charles.

Foi assim que nasceram os Novos Baianos?

Paulinho – Fomos juntando todo mundo e construindo uma nova família, sem laços sanguíneos, mas com uma afinidade tremenda. Essa afini-

dade veio através da alegria e de uma união que permanece até hoje. Pode acontecer o que for, mas quando a gente se encontra é uma festa. Aí a música flui tranquilamente, naturalmente. Mesmo distantes alguns anos atrás, por conta da vida e da carreira de cada um, sempre cobravam nosso reencontro. Era um destino traçado, não tínhamos mais como fugir. O importante é que essas músicas, que começamos a fazer há 50 anos, estão e seguirão vivas.

O que Moraes Moreira significou para o grupo?

Paulinho – Moraes Moreira era o nosso grande timoneiro. Aquele violão não existe nada igual. Todos os artistas brasileiros, que tocam violão, sabem da capaci-

dade que ele tinha em fazer um show de voz e violão e colocar todo mundo pra dançar. As composições que ele fazia contando a vida. Aquilo que ele expressava nas letras, a gente estava vivendo naquele momento.

Como estava a relação de vocês nos últimos tempos?

Seguíamos cuidando dos Novos Baianos, do nosso legado. Eu dizia a ele que não éramos mais os Novos Baianos, mas também não somos os Velhos, e sim os Usados Baianos. Vivemos intensamente a vida, a música e o carnaval. Todo o Brasil vai reverenciar para sempre a arte e a vida do grande compositor e cantor, o grande baiano Moraes Moreira.

PARA ASSISTIR



NOVOS BAIANOS FUTEBOL CLUBE (1973)
Dirigido por Solano Ribeiro